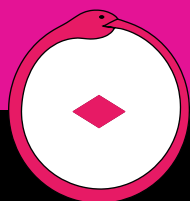


GUIA DE REVISÃO
comunidade



cadernos
SELVAGEM



GUIA DE REVISÃO DOS CADERNOS SELVAGEM

Seja bem-vinda(o) à Comunidade Selvagem!

Somos uma pequena equipe que costura de forma artesanal a produção editorial dos Cadernos Selvagem.

Tanto os cadernos quanto as conversas *online* são desdobramentos das áreas de estudo do ciclo Selvagem, oferecidos de forma gratuita ao público. Esse compartilhamento inspirou a participação voluntária para a transcrição de vídeos e revisão de textos, ensaios e artigos publicados nos cadernos.

Portanto, a produção editorial se tornou uma experiência de edição colaborativa e coletiva, elaborada em comunidade. É um trabalho em rede dinâmico, em que estamos sempre aprendendo. A ideia é que faça sentido para todos, na medida do possível.

Como o número de publicações vem aumentando, e o de voluntários também, sentimos a necessidade de criar este guia para padronizar e facilitar o trabalho dos interessados em fazer parte dessa rede.

Se você está chegando agora à comunidade, é importante conhecer alguns termos-chave:

Flecha – As flechas são filmes que projetam o SELVAGEM para a linguagem audiovisual por meio de uma compostagem de imagens já existentes.

“É o nosso projeto para adiar o fim do mundo com belas palavras. Uma ideia original do Ailton Krenak, almejando que toda a atmosfera que envolve o Selvagem possa alcançar mais corações pulsantes.” (Caderno 23 – Flecha 1 – [*A serpente e a canoa*](#))

Canoa da transformação – “Da concepção ao nascimento, todo ser vivo é uma canoa, a vida é transformação.” (Jaime Diakara. Caderno 23 – Flecha 1 – *A serpente e a canoa*)

“[...] transporte cósmico e metamórfico originário, de onde emergiram, por meio de sucessivas transformações, as primeiras humanidades.” (Idjahure Kadiwel. Caderno 14 – *Rio de janeiro, o lago de leite*)

“[...] o Deus da Terra subiu à superfície da terra para formar a humanidade. Levantou-se num grande lago chamado ‘Lago de Leite’, que deve ser o Oceano. Enquanto ele vinha subindo, o Terceiro Trovão desceu nesse grande lago na forma de uma jiboia gigantesca. A cabeça da cobra se parecia com a proa de uma canoa, era a ‘Canoa de Transformação’, a canoa cobra.” (Caderno 23 – Flecha 1 – *A serpente e a canoa* e *Antes o mundo não existia*, de Umusi Pārōkumu e Tōrāmü Kēhíri)

“Cada nascimento é um desembarque da canoa da transformação.” (Caderno 30 – Flecha 3 – *Metamorfose*)

Serpente cósmica – “Uma serpente cósmica trouxe a vida para a Terra. Foi o transporte de informações, instruções para a própria travessia e para as transformações que viriam no percurso.” (Caderno 23 – Flecha 1 – *A serpente e a canoa* e *A serpente cósmica, o DNA e a origem do saber*, de Jeremy Narby)

Metamorfose – “[...] a vida é somente a borboleta dessa enorme lagarta que é Gaia, ela é a metamorfose deste planeta.” (*Metamorfozes*, de Emanuele Coccia)

“Todos os seres vivos são, de uma certa forma, um mesmo corpo, uma mesma vida e um mesmo eu que continua passando de forma em forma, de sujeito em sujeito, de existência em existência.” (Caderno 30 – Flecha 3 – *Metamorfose*)

Regenerantes – Organismos vivos que se espalham pelos diferentes ecossistemas de Gaia, como os oceanos ou as montanhas que podem colaborar para cicatrizar a ferida antropocênica.

“Assim como a chuva molha a terra e as plantas florescem, nós semeamos sabedoria em nossas crianças e jovens, seguindo o caminho de nossos antepassados.” (Cristine Takuá)

Biosfera – Começo e fim de uma grande metamorfose. A esfera da vida é mais que um lugar, é um acontecimento em atividade contínua.

“Na teoria de Gaia, por exemplo, a atmosfera torna-se parte da biosfera, uma espécie de sistema circulatório planetário. O solo, onde abundam os microrganismos, não é mais um substrato sem vida, mas sim um tecido vivo na superfície do planeta. Na verdade, a biosfera viva inclui, provisoriamente, não apenas a atmosfera e suas nuvens, mas também placas tectônicas, modulação da salinidade do oceano e uma regulação da temperatura planetária que permaneceu na mesma faixa por mais de três bilhões de anos.” (Lynn Margulis, Dorion Sagan, Ricardo Guerrero e Luís Rico. Caderno 7 - *Propriocepção quando o ambiente se torna corpo*)

Nhẽ'erỹ – ‘Onde as almas se banham’, em Guarani; mata costeira; mata atlântica.

Gaia – A vida e a Terra como um ambiente autorregulável.

“Gaia [...] é um ecossistema global, [...] é o nome do sistema vivo planetário da Terra”, que “recicla seus átomos, algo que nenhum organismo pode fazer.” (Dorion Sagan, em *Livro de seres invisíveis*)

Seres invisíveis – Outras formas de vida; seres vivos que não enxergamos, mas estão “ao nosso redor, conosco, dentro de nós, vivem para nós e contra nós. Sem eles, não seríamos possíveis.” (Hugo Aguilaniu, em *Livro de seres invisíveis*).

Simbiose – “A simbiose é quando organismos se relacionam em benefício mútuo.” (Caderno 35 – Flecha 5 – *Uma flecha invisível*)

O papel da transcrição

Boa parte dos conteúdos publicados é transcrita de falas em vídeos do Selvagem. Quando se tratar de uma fala de um pensador indígena, para quem o português é a segunda língua, é importante manter a estrutura do pensamento, evitando adaptá-lo para a lógica ocidental. São bem-vindas e desejáveis as formas originais de comunicação de saberes.

Ao transcrever as falas de um vídeo, alguns pontos podem ser considerados:

a) Marcas de oralidade, como “né, tá, hum, então, é”, repetições que são comuns na fala, enquanto a pessoa pensa, não devem ser transcritas. Exemplos:

“Bom, eu queria...” → “Eu queria...”

“Esqueci qual é a terceira coisa... ah...” → Tirar o “ah”.

b) Na oralidade também pode haver muita repetição de pronomes, como “eu”, “nós”, na função de sujeito. Na escrita, é possível optar pelo sujeito oculto, em alguns casos, para deixar o texto menos repetitivo e autorreferenciado.

c) A concordância pode ser corrigida na transcrição.

d) A pontuação será estabelecida de acordo com a escuta de quem faz a transcrição.

e) Se houver menção a outro Caderno Selvagem ao longo da fala ou como sugestão de leitura, deve ser inserido *link* direto.

f) Para padronizar a grafia de termos indígenas, consulte o [Glosário de termos de povos originários](#).

g) Se você tiver alguma dúvida, deixe um comentário. Quando o texto da transcrição estiver pronto, ele passará por revisão e, ao final, por um editor, que resolverá as dúvidas e eliminará as marcas de revisão.

O papel da revisão

Em linhas gerais, o papel do revisor é corrigir ortografia e gramática e estabelecer uma padronização (uso de maiúsculas, itálico, aspas, etc.), que veremos de forma sistemática mais adiante.

Os textos dos Cadernos Selvagem a serem revisados serão de três tipos: transcrição de *lives*, de flechas ou tradução.

O revisor deve trabalhar com controle de alterações, em “Revisão”, no Word. Se já houver marcas de revisão no texto, de alguma leitura anterior, elas devem ser mantidas. As sugestões de alteração serão validadas pelo editor, em etapa posterior.

O editor estabelece a versão final do conteúdo, repassa para o pessoal da arte fazer a diagramação e depois acompanha a revisão das provas diagramadas.

Padronização

A seguir, enumeramos algumas questões de padronização, salientando que este guia é apenas um meio de consulta entre muitos. Consulte sempre as gramáticas normativas, os dicionários da língua portuguesa, os dicionários de sinônimos e os dicionários de regência nominal e verbal. O Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (Volp), que pode ser consultado no [site](#) da Academia Brasileira de Letras, também é um auxiliar indispensável.

O registro do texto pode ser formal ou informal, mas deve ser o mesmo em todo o caderno.

Algumas padronizações

Uso de maiúsculas

– Títulos de obras (livros, filmes, obras de arte, etc.) citadas ao longo do texto ou em referências bibliográficas – só a primeira letra em maiúscula; as demais palavras em minúsculas, caso não sejam nomes próprios. Exemplos: *A queda do céu* (em vez de *A Queda*

do Céu); *Nosferatu, o príncipe da noite* (em vez de *Nosferatu, o Príncipe da Noite*).

– Povos originários: Guarani Mbyá; Ashaninka; Guarani Kaiowá; Desana; Huni Kuin; Yanomami. Obs.: Esses termos não são pluralizados: os Guarani; os Desana; os Huni Kuin, os Yanomami.

– Regiões e acidentes geográficos: Alto Amazonas, Amazônia Ocidental, Alto Rio Negro, Rio Negro.

– Ramos do conhecimento tomados em sua dimensão mais ampla: Biologia, Filosofia, Medicina, História.

– Movimentos artísticos e literários: Modernismo, Simbolismo, Parnasianismo.

– Igreja, quando designar a instituição, mas igreja, em minúsculas, quando se referir ao templo. Porém, o adjetivo que designa a religião a que se refere deve ser grafado em minúsculas: Igreja católica; Igreja evangélica.

– Deus, quando designar ser supremo das religiões monoteístas.

– Período histórico ou geológico consagrado: Idade Moderna; Antiguidade; Pleistoceno; Antropoceno.

– Pontos cardeais ou direção, quando integram nome próprio: Timor Leste; Região Norte; Mato Grosso do Sul

– Conceitos políticos importantes: Constituição; Estado; União; República.

– Leis e normas quando constituem nome próprio: Lei de Diretrizes e Bases; Lei Maria da Penha; Lei do Ventre Livre.

– Epítetos (“apelidos”) de personagens históricos: Ricardo Coração de Leão.

– Instituições, órgãos e unidades administrativas: Museu de Arte Moderna; Secretaria da Educação; Ministério do Meio Ambiente; Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).

Uso de minúsculas

– Subdivisões de ramos do conhecimento: zoologia, botânica, antropologia, bioquímica, literatura, geomitologia.

– Tipos de relevo e vegetação: planície amazônica, floresta amazônica, mata atlântica, cerrado.

- Doutrina filosófica: cartesianismo, marxismo.
- Pontos cardeais ou direção: O barco seguia para o leste. O vento norte trazia más notícias.

Numerais

- Eliminar zeros ao longo do texto sempre que possível. Exemplo: “3 mil” em vez de “3.000”.
- Evitar números por extenso. Até o número 9 você escreve por extenso, depois disso numeral: “Há 13 anos...”; “... 30 abelhas...” (mas, se neste exemplo estivesse começando uma oração, seria por extenso: “Trinta abelhas...”; não iniciar frase com numeral); “... nos últimos 50, 60 anos”.
- Quando mencionar década, o correto é escrever o numeral todo: “anos 1960” (e não “anos 60”).
- Os números devem ser subscritos nas fórmulas químicas: H₂O (e não “H2O”); CO₂ (e não CO2).

Uso de itálico

- Termos em línguas dos povos originários: *ayahuasca*; *Nhande-ru*; *xeyvara reté*.
- Títulos de livros, filmes, obras de arte: *A queda do céu*; *A última floresta*; *Regenerantes de Gaia* (e não entre aspas “Regenerantes de Gaia”).
- Termos em língua estrangeira: *environment*; *performance*.

Abreviaturas

- Não abreviar / Evitar abreviaturas em texto corrido. Exemplo: Caminhou três quilômetros (e não “Caminhou 3 km.”).

Siglas

- São grafadas sem ponto após as letras. Exemplo: ONU, ISA.
- Na primeira vez que aparece no texto, colocar o significado entre parênteses logo após a sigla. Exemplo: UNI (União das Nações Indígenas); ONU (Organização das Nações Unidas); ISA (Instituto Socioambiental).

– Todas as siglas com até três letras são grafadas em maiúsculas. Exemplo: RR, AM, ISA.

– Siglas com quatro letras ou mais que formem sílabas que podem ser lidas são grafadas apenas com a inicial maiúscula. Exemplo: Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais); Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia); Fapisp (Fórum de Articulação dos Professores Indígenas do Estado de São Paulo); Neai (Núcleo de Estudos da América Indígena); Ufam (Universidade Federal do Amazonas).

Uso de aspas simples e duplas

– As aspas duplas são usadas para indicar citação direta. Exemplo: Ailton Krenak disse: “O planeta pulsa...”

– As aspas simples são usadas para substituir as aspas duplas em textos citados, que já são grafados com aspas duplas (para não ficar aspas duplas dentro de aspas duplas). Exemplo: “A cabeça da cobra se parecia com a proa de uma canoa, era a ‘Canoa de Transformação’, a canoa cobra.”

– As aspas simples são usadas para designar o significado de palavras estrangeiras (estas grafadas em *itálico*): *autós* (‘eu mesmo, ele mesmo, próprio’) e *poiesis* (‘ação’, do grego, ‘fazer ou realizar’).

– As aspas duplas podem ser usadas para destacar um termo na primeira vez em que ele aparece no texto, com o respectivo significado: o termo “noosfera”, do grego *nōos*, ‘mente’.

Uso de colchetes

– Títulos de livros: manter no idioma original, em *itálico*, com tradução em redondo entre [].

– Para indicar supressão de texto em citação: “diálogo criativo com seres animais e vegetais [...] nas universidades”.

Uso de hífen e travessão

– O hífen é usado em alguns substantivos compostos: beija-flor, vaga-lume, louva-a-deus, cobra-coral.

– Termos com o prefixo “não” não são grafados com hífen: não humanos, não indígenas, não capitalistas, não autopoieticos, não vivos.

– O travessão pode ser usado para intercalar termos explicativos, equivalente a vírgulas ou parênteses: “Graças a eles – e à imensa rede de fungos que envolve o mundo todo – a floresta é um processo contínuo de transformação”.

– O travessão é usado para indicar os diálogos.

– O travessão pode ser usado para destacar a parte final de um enunciado: “É nesse contexto que Ailton Krenak e Mac Suara Kadiwéu, então membros da UNI, decidem [...] fazer uma videocarta endereçada à Subcomissão de Assuntos Indígenas da Comissão de Direitos Humanos da ONU – um ato organizacional inédito no movimento indígena, com amplitude internacional.”

– O travessão pode ser usado para substituir os dois-pontos antes de uma expressão explicativa.

Bibliografia

– Seguir regras da ABNT. Exemplo: LOVELOCK, J. E. *The ages of Gaia*. New York: W. W. Norton and Company, 1988.

– Texto citado – Referência em maiúsculas, seguida do ano de publicação, entre parênteses: (LOVELOCK, 1988).

Pontos de atenção na revisão de textos

Gramática

Ortografia – consultar sempre um dicionário (recomendamos o *Aulete*) para verificar a grafia correta das palavras. Exemplos: megaentidade (e não “mega entidade”); autorregulável (e não “autoregulável”); rizomática (e não “risomática”); automanutenção (e não “auto-manutenção”); videoentrevista (e não “vídeo-entrevista”); videocarta (e não “vídeo-carta”); afro-brasileiro, afro-ameríndio, MAS afrodescendente; petróglifo (e não “petroglifo”); micro-organismo ou mmicroorganismo (e não “microorganismo”); meio ambiente (e não “meio-ambiente”).

Concordância verbal

O verbo sempre tem de concordar com o sujeito:

“**veem-se** poucos xamãs” (e **não** “**vê-se** poucos xamãs)

“os **povos** tradicionais não **têm** o hábito de...” (e **não** “os povos tradicionais não **tem** o hábito de...”)

“toda a nossa **inteligência** e **tecnologia** nos **estão fazendo** dar a volta nas formas naturais” (e **não** “toda a nossa inteligência e tecnologia nos **está fazendo** dar a volta nas formas naturais”)

“**havia** bactérias” (e **não** “**havam** bactérias”)

“**havia** óxidos de urânio” (e **não** “**havam** óxidos de urânio”)

“diálogo criativo com seres animais e vegetais [...] nas **universidades**, que de universal quase pouco **têm**” (e **não** “diálogo criativo com seres animais e vegetais [...] nas **universidades**, que de universal quase pouco **tem**”)

Concordância nominal

Os termos que se referem ao substantivo devem concordar com ele em gênero e número:

“Este **tipo de xamanismo** é o mais **difundido**” (e **não** “Este tipo de xamanismo é a mais **difundida**”)

“... uma vez **conhecida a causa** da doença” (e **não** “... uma vez **conhecido a causa** da doença”)

Colocação pronominal

Regra prática: o pronome átono (me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as) vem depois do verbo se não houver nenhuma palavra que o atraia – como palavras de sentido negativo, advérbios, conjunções subordinativas, pronomes relativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos. Exemplo: “[...] era um gás muito perigoso, **porque se podem** gerar incêndios numa atmosfera com oxigênio, **se podem** queimar hidrogênio e oxigênio...” (e **não** “**porque podem-se** gerar incêndios [...], **pode-se** queimar hidrogênio...”)

- Não iniciar frase com pronome átono. Exemplo: “**Assemelha-se** a...” (e **não** “**Se assemelha** a...”).

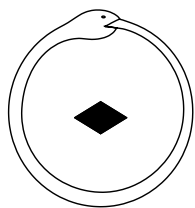
Pontuação

Regra geral: nunca separar sujeito de predicado com vírgula. Exemplos de uso indevido da vírgula: “Líquen, é um complexo simbiótico...”; “E eu, sou um cartão de memória, que repassava para o computador...”; “[...] os outros seres que experimentam a vida junto conosco, não estão sondando o amanhã.”; “Comer dois planetas por ano, tem a ver com o que estamos pensando sobre viver com nada.”; “Os cientistas que acompanham a questão do aquecimento global, têm acesso a informações de minuto a minuto do que está acontecendo na biosfera do planeta e ao nosso redor.”

Regências verbal e nominal, Formação de plural, Normas de acentuação, Conjugação verbal, Uso do artigo – Consultar gramáticas e dicionários.

Este guia foi elaborado com a colaboração de Sâmia Rios.

Sâmia é leitora e estudante entusiasmada desde criança, seu amor pelas narrativas a levou a estudar Letras e Pedagogia. Trabalha há mais de 30 anos com livros, fazendo revisão, preparação, edição, adaptação de contos de fadas e algumas traduções de títulos de literatura infantil do inglês e do alemão.



SELVAGEM